

O SILÊNCIO ATIVO: A FORÇA E A RESISTÊNCIA DA POESIA INDÍGENA

ACTIVE SILENCE: THE STRENGTH AND RESISTANCE OF INDIGENOUS POETRY

Dossiê:

Literatura negra e indígena no Brasil:
oralidades, ancestralidades, resistências



ORGANIZADORES:

Dr. Paulo Petronílio Petrot



Dr. Pedro Mandagará



Dr^a. Luciana Borges



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E LINGÜÍSTICA

v. 33, n. 65, ago. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 29/03/2024

Aceito em: 13/06/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Angelita Gomes Fontenele
Rodrigues da Cunha



UFNT | angelitafontenele@hotmail.com

Eliane Cristina Testa



UFNT / UFT | poetisalia@gmail.com

Resumo/Abstract

Este texto propõe uma leitura crítico-analítica do poema “Silêncio guerreiro”, de Márcia Wayna Kambeba. A análise que se empreende busca compreender o silêncio ativo como uma manifestação de resistência e de força. Discute-se ainda a importância da poesia indígena contemporânea, as formas de reexistência de um povo e a valorização de sua ancestralidade. Metodologicamente, é um trabalho qualitativo, bibliográfico e interpretativista. Como fundamentação teórica, foram utilizados os seguintes autores: Almeida (2008), Corbin (2021), Grün (2012), Kambeba (2018a, 2018b, 2020, 2023), Munduruku (2008, 2016), Orlandi (1990, 2007, 2020), Pollak (1989), Santos (2009), Schneider (2018), Spivak (2010), Tfouni (2008) e Testa e Albuquerque (2021). Os resultados apontam que o silêncio ativo não consiste em emudecer, em deixar de falar, mas em escutar e dar sentido a um contexto de consciência, de luta e de reexistência; mais do que isso, eles apontam que o silêncio ancestral é intencional, é ativo.

Palavras-chave: silêncio ativo, poesia indígena, Márcia Wayna Kambeba, silêncio guerreiro.

This work proposes a critical-analytical reading of the poem “Silêncio guerreiro”, by Márcia Wayna Kambeba. The analysis that will be undertaken aims to understand active silence as a behaviour of resistance and strength. In this work, it is also discussed the importance of contemporary indigenous poetry and the ways in which a people can re-exist and value their ancestry. Methodologically, it is a qualitative, bibliographic and interpretive work. As a theoretical foundation, we used the following authors: Almeida (2008), Corbin (2021), Grün (2012), Kambeba (2018a, 2018b, 2020, 2023), Munduruku (2008, 2016), Orlandi (1990, 2007, 2020), Pollak (1989), Santos (2009), Schneider (2018) and Spivak (2010), Tfouni (2008), and Testa and Albuquerque (2021). Some results indicate that active silence does not mean becoming silent or not stop speaking, listening and giving meaning to a context of consciousness, struggle and reexistence and, moreover, that ancestral silence is intentional, it is active.

Keywords: active silence, indigenous poetry, Márcia Wayna Kambeba, warrior's silence.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho propõe uma leitura crítico-analítica do poema “Silêncio guerreiro”, de Márcia Kambeba. A leitura detida desse poema nos oportunizou empreender algumas reflexões acerca da importância do silêncio ancestral manifestado na poesia de Kambeba. A partir dela e do deslocamento de sentidos, formulamos a noção de que o silêncio encontrado nos versos dessa escritora indígena manifesta um tipo de voz que retrata um modo de existir e de pertencer de um povo que luta pela sobrevivência da sua cultura — um povo que carrega as vozes da ancestralidade e faz, com elas, um silêncio barulhento e um “silêncio ativo”¹.

A poesia indígena contemporânea é muito rica e tem nos ensinado que as literaturas plurais devem cada vez mais ocupar seus lugares de direito, seja na sociedade, na escola, nas academias ou nas universidades. Como afirma Janice Thiél (2012, p. 63) na obra *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque*, “os textos indígenas brasileiros demonstram [...] vontade de afirmação cultural e identitária, além de se constituírem como fonte de luta”. Sendo assim, este texto busca compreender as vozes indígenas e suas expressões, que, manifestadas na literatura, têm sido um modo de luta e de resistência dos povos indígenas.

Constata-se, pois, que a poesia indígena brasileira contemporânea vem se firmando cada vez mais como um movimento literário de fortalecimento das culturas indígenas e de valorização das suas ancestralidades. Ela também vem fazendo avançar um pensamento descolonizador, na medida em que não há apenas as histórias de vida dos não indígenas no mundo. Dessa forma, a poesia indígena procura reconstruir visões acerca dos povos indígenas, expondo que suas identidades são plurais e potentes.

Nesse sentido, ler poesia indígena significa ter acesso às memórias e às tradições ancestrais dos povos que vivem aqui no Brasil, além de dar visibilidade a muitas de suas lutas e aos seus direitos. Assim sendo, as vozes que se manifestam hoje na produção poética também carregam um ponto de vista muitas vezes implicado em uma poética-política de militância, a partir de uma conexão de vozes e de lutas coletivas.

Neste trabalho, adotamos uma metodologia qualitativa, bibliográfica e interpretativista. Além das considerações iniciais e finais, este texto está organizado em três seções: “Perspectivas sobre o silêncio: sentidos e significações”; “A poesia indígena: força e resistência de um povo”; e “O silêncio ativo: resistência e ancestralidade no poema ‘Silêncio guerreiro’, de Márcia Kambeba”.

PERSPECTIVAS SOBRE O SILÊNCIO: SENTIDOS E SIGNIFICAÇÕES

*No silêncio dos olhos de meus parentes amarelos
Ouço os sons dos maracás
Vejo a cor do urucum e do jenipapo em suas peles
Sinto o orgulho do pertencimento que sempre [exala em
seus cabelos!
Em suas sombras toca o tambor:
Eu sou! Eu sou! Eu sou!
Indígena eu sou!*

Julie Dorrico, *Eu sou macuxi e outras histórias*

Sabemos que são muitos os sentidos e os significados da palavra “silêncio”. Tendo em vista a escolha do poema “Silêncio guerreiro”, de Kambeba, para uma leitura crítico-analítica, neste trabalho buscamos apresentar algumas ideias e/ou acepções sobre o silêncio. A intenção é explorar o que ele poderia significar e expressar, ampliando, assim, nossos olhares e nossas discussões sobre aquilo que estamos chamando de “silêncio ativo”.

O silêncio, para Orlandi (2007), é algo necessário na comunicação humana, pois ele é a “respiração” (o fôlego) da significação. Trata-se, assim, de “[...] um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o

silêncio abre espaço para o que é ‘um’, para o que permite o movimento do sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 13). Nesse sentido, vemos que esse movimento do sujeito é o que faz significar. Assim, o silêncio significa e faz sentido; ele é plural e múltiplo, é ativo e vivo. Por isso, os sujeitos precisam dele na comunicação; o silêncio é necessário para a existência humana. Do ponto de vista da comunicação, o silêncio abre espaço para o que “é”, permitindo toda série de movimento comunicacional.

Já na esfera religiosa, o silêncio apresenta, muitas vezes, uma acepção eufórica, pois diz respeito àquilo que não se pode expressar em palavras: o sentir e o acreditar. Sendo assim, o silêncio passa a ser palpável no sentir e naquilo que é crível sem emissão de palavras. De acordo com Grün (2012), o silêncio está a serviço da escuta da palavra de Deus e da oração. Dessa forma, se alguém não é capaz de guardar nada para si e tem necessidade de falar a respeito de tudo, tanto do bem quanto do mal,

passa a impressão de que não possui profundidade. Não conhece segredos, não consegue viver com segredos, não consegue suportá-los, mas então ele não é capaz de penetrar mais profundamente em um mistério. Destrói o mistério porque logo quer falar a respeito dele (GRÜN, 2012, p. 72).

Nesse contexto, o silêncio tem aspectos de mistério, podendo ser uma tomada de posição dos sujeitos perante coisas que não compreendem, o que também pode ser um grande desafio. Isso porque manter-se em silêncio, em algumas circunstâncias, pode nos remeter à capacidade do interlocutor de ocupar a posição privilegiada de ouvir. Na filosofia, para os filósofos existencialistas, o homem é fadado à liberdade de escolha; logo, captar a informação e não se posicionar sem o conhecimento holístico do tema denota sabedoria e engajamento, posto que o sábio não é apenas aquele que emite um conceito, mas aquele que sabe se conter e resguardar em silêncio fatos que lhe foram confiados.

Ainda na perspectiva religiosa, alguns textos bíblicos consideram o silêncio um sinal de sabedoria. O provérbio 17:27-28, como lembra Almeida (2008, p. 809), diz o seguinte, por exemplo: “Quem controla as suas palavras é sábio, e quem mantém a calma mostra que é inteligente. Até um tolo pode passar por sábio e inteligente se ficar em silêncio”. Nesse sentido, concordamos com Corbin (2021, p. 79) quando assevera que “[...] toda a história da humanidade: hinduístas, budistas, taoístas, pitagóricos e, é claro, cristãos, católicos e, talvez mais ainda, ortodoxos sentiram a necessidade e as benfeitorias do silêncio”. Portanto, vemos que os silêncios são múltiplos, são antigos e estão em filosofias universais.

Ao estudarmos a obra *História do silêncio* (2021), de Corbin, vemos que esse autor discute sobre o silêncio na humanidade em perspectivas amplas. Corbin (1994 *apud* CORBIN, 2021, p. 113) afirma: “no interior de muitas comunidades, o silêncio é instrumento de poder, e é assim que o silêncio se materializa na ancestralidade cultural desse povo”. Também é relevante o que Tfouni (2008, p. 358) diz ao empreender uma investigação epistemológica e lógica sobre a linguagem:

o silêncio corresponde ao mesmo tempo a duas categorias: impossível e possível. Possível porque qualquer coisa a partir desse momento pode se atualizar, e impossível porque, se os dados não forem lançados, o dizer será um possível eternamente aguardando seu devir. Uma vez que algo foi dito, fica algo (que seria o não dito) contingentemente silenciado. Isso que é contingentemente silenciado também é impossível, pois não é possível que ele tenha sido enunciado, uma vez que o enunciado é outro.

O autor diz que o silêncio se faz em paralelo com os enunciados, afirmando que, quando “[...] algo foi dito, fica algo (que seria o não dito)”. Logo, até nos “ditos” os silêncios estão sempre presentes.

Recorremos mais uma vez a Orlandi, que, em seu livro *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, nos direciona ao entendimento do silêncio no discurso. A autora afirma que “[...] o silêncio foi relegado a uma posição secundária como excrescência, como o ‘resto’ da linguagem” (ORLANDI,

2007, p. 12). Nesse sentido, essa percepção é absolutamente escanteada a fim de que o silêncio assuma o papel que seu contexto exige para complementar a linguagem.

Considerando as características discursivas do silêncio, Orlandi nos direciona a entender que o silêncio é como uma complementação da linguagem. Ou seja, na situação discursiva, o “não dizer” diz com muito mais eficiência o que poderia ser dito: “se uma dessas características livra o silêncio do sentido ‘passivo’ e ‘negativo’ que lhe foi atribuído nas formas sociais da nossa cultura, a outra liga o não dizer à história e à ideologia [...] o sentido não para; ele muda de caminho” (ORLANDI, 2007, p. 12-13).

Por isso, o entendimento do “não dito” pelo sujeito é uma particularidade que encerra uma gama de significados. O silêncio pode ser um ponto fundamental na construção do discurso: a partir dele, é possível que o público ao qual é dirigido, de acordo com a sua própria constituição, atribua-lhe sentidos e significações individuais e únicos. Nesse contexto, também compreendemos o silêncio como uma manifestação da linguagem, e, de acordo com Santos (2019, p. 14), “é a linguagem que administra e categoriza o silêncio, de modo a tornar a significação calculável [...]. O silêncio só é apreensível pelos seus efeitos, pelos muitos modos que constituem a significação”.

É nesse sentido de efeitos e de significação que o silêncio também é o dito. Trata-se daquilo que se materializa como um silêncio ancestral, um silêncio que é vivido em conjunto, na coletividade e na cultura do povo; é o silêncio da resistência e da “reexistência” (SOUZA, 2011). Ressaltamos que esse termo, “reexistência”, na acepção de Souza (2011), se relaciona a práticas escolares desestabilizadoras da histórica disputa de poder. Assim, tal termo põe em cena uma gama da complexidade social e histórica, que envolve as práticas cotidianas do uso da linguagem e o poder a ela concedida.

Considerando isso tudo, pensamos que a poesia indígena pode ressignificar as formas de poder e os lugares de fala. Acreditamos que o “silêncio ativo” aponta, na poesia de Kambeba, de modo especial, a luta, a resistência e a reexistência de que nos fala Souza (2011).

A POESIA INDÍGENA: FORÇA E RESISTÊNCIA DE UM POVO

*Passaram por cima da memória e escreveram no
corpo dos vencidos uma história de dor e sofrimento.
[...] É preciso escrever — mesmo com tintas do
sangue — a história que foi tantas vezes negada.*

Daniel Munduruku, “Literatura indígena e o tênue fio
entre escrita e oralidade”

Por muito tempo, os indígenas foram completamente silenciados, violentados e tutelados, seja na sociedade, seja na produção literária. Não tiveram voz nem vez. No entanto, com as revisões dos processos históricos empreendidas pelo pós-colonialismo, vemos que há grande movimento que caminha em direção à retomada dos direitos dos povos indígenas e à valorização de toda uma rica produção literária.

É importante, assim, compreender que o papel da literatura indígena é fundamental para a afirmação dos direitos dos indígenas, bem como para a ampliação dos processos de construção identitária desses povos, pois a poesia não está afastada de seus modos de vida e de sobrevivência. Na poesia de Kambeba, é possível identificar alguns temas recorrentes, por exemplo: a preservação da natureza; a valorização da sua cultura; a luta dos povos indígenas; a resistência às ameaças daqueles que desejam usurpar terras; o culto à identidade de seu povo, às suas memórias e histórias de vida; e o respeito e o direito à terra e à natureza. Muitos desses temas também estão no bojo da poesia brasileira indígena contemporânea.

De acordo com Rodrigues e Lima (2020), a poesia indígena também compila um processo cultural muito rico, pois reflete conhecimentos e saberes do mundo indígena, conferindo, assim, um grande significado à criação literária. Por isso, é necessário

abrir-se à poesia indígena [e isso] significa tentar buscar novas maneiras de pensar a literatura fora dos cânones ocidentais. A abertura aos fazeres do

“outro” (do não ocidental) indígena pode desvendar muitos saberes únicos a partir das concepções indígenas de mundo (RODRIGUES; LIMA, 2020, p. 119).

Nesse sentido, é possível fazer vir à tona nos leitores dessa poesia indígena novos olhares e “novos” mundos, muitas vezes desconhecidos do não indígena ou da sociedade majoritária. Portanto, necessita-se olhar, sentir e ler a poesia indígena pelos vieses cultural, político e estético, de modo a atentar às questões de alteridade. Muitos versos indígenas engendram tão bem forma e conteúdo que nos tocam profundamente, nos sensibilizando às causas e lutas dos indígenas.

Destacamos também que Kambeba, na apresentação da sua obra poética *Ay kakyri tama: eu moro na cidade* (2018), discorre sobre o processo de resistência indígena. Vejamos, a seguir, o que aponta a autora:

A luta do povo indígena Omágua/Kambeba e dos demais povos não se resume apenas a defender seus limites territoriais. Lutam também por uma forma de existência presente no modo diferente de viver, ver, sentir e pensar, agir e de seguirem construindo sua história, exigindo seus direitos (KAMBEBA, 2018a, p. 8).

Como podemos observar, a autora toma também a sua obra literária como um chão para suas lutas, expressando, ainda, seus modos de (vi)ver o mundo, de sentir, de pensar e de agir na construção de sua(s) história(s). Em relação às lutas dos povos indígenas, em uma entrevista concedida a Nilo Marinho Pereira Junior, Edileuza Batista de Araújo e Eliane Cristina Testa, Kambeba explicita o seguinte:

O que me inspira é a luta, o movimento, as formas duras das pessoas se referirem à nossa essência de ser, ao nosso território tão violentado, enfim, tudo me inspira poesia. Um menino ao pular no rio, uma remada de uma criança, um fruto que estala na água ao cair da árvore, um ancião que se senta para contar narrativas, um grafismo feito na pele, tudo é poesia porque a poesia está em tudo que se vê e sente. E a poesia indígena é a soma de todas as formas de olhar, ver e sentir o lugar, o sagrado, a memória, e contribuir com as novas gerações para a continuidade da nossa história (KAMBEBA, 2023, p. 253-254).

A escritora refere-se à poesia indígena como a soma de todas as formas de olhar, ver e sentir o lugar e o sagrado, e de expor a memória, o que poderia contribuir muito para as gerações futuras em relação à continuidade de suas histórias. Isso é o que lhe inspira a continuar a lutar.

Podemos acrescentar ainda que muitas das memórias indígenas foram invisibilizadas ao longo do processo histórico no Brasil. Por isso, urge uma reparação dos direitos desses povos. Assim, as “memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, [trazer] reivindicações múltiplas” (POLLAK, 1989, p. 3). E essas “reivindicações” podem ser registradas pelo oral-escrito, pela literatura, pela força da escrita poética e das diferentes formas de narrativa.

Nesse contexto, a poesia indígena vai significando força e resistência, e buscando manter a cultura dos povos originários, bem como resguardar o direito ao registro de suas memórias. A poesia pode ser vista como um modo de “ativismo”, e, assim como outros ativismos, a poesia indígena também busca encontrar meios de expressar diferentes lutas dos povos ancestrais.

É Kambeba ainda quem fala desse lugar de saber e de poder que é a literatura, a poesia, apontando para a importância da escrita indígena, do registro da linguagem ancestral, como luta, eco e resistência:

precisamos informar, ecoar, marcar o lugar do saber em nós, compreendendo que somos parte integrante de uma nação. E precisamos de mais e mais parentes escrevendo. A arte que os povos fazem na cidade nas várias linguagens é um ativismo (KAMBEBA, 2020, n.p.).

O chamamento que Kambeba faz ao dizer que “precisamos de mais e mais parentes

escrevendo” implica uma questão importantíssima: a questão da escrita para os povos indígenas. O acesso à escrita tem resultado no registro da cultura de muitos povos indígenas, “[...] disseminando a diversidade cultural, combatendo a monocultura e apresentando uma imagem mais positiva dos indígenas, até então retratados apenas pelo ponto de vista dos colonizadores” (SCHNEIDER, 2018, p. 39). Dessa maneira, vemos que, ao longo do processo histórico, a memória, os valores e os costumes dos povos indígenas foram sendo silenciados em prol de uma cultura dominante que via na sua “sapiência” uma superioridade, não deixando espaço para a expansão de uma complexidade social e apenas impondo um conhecimento etnocêntrico.

Por muitos e muitos anos, a cultura dos povos ameríndios foi emudecida, silenciada e/ou invisibilizada, mas, com a resistência da literatura indígena, os costumes e as identidades dos povos ancestrais, além de serem transmitidos de forma oral, também passaram a ser registrados na escrita, de modo especial para que as futuras gerações de indígenas (e não indígenas também) possam ter conhecimento da cultura do povo. No entanto, lembremos que a cultura é sempre dinâmica; por isso, o processo transcultural ocorre naturalmente entre os povos.

Acerca do papel da literatura, Daniel Munduruku (2008) assevera:

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re) encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral. Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar este fio numa ruptura. [...] Pensar a Literatura Indígena é pensar no movimento que a memória faz para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade.

Como vemos, o autor defende que a escrita indígena reforça e acrescenta ao repertório tradicional acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral, em um movimento de afirmação da oralidade. Por isso, temos a ideia do oral-escrito posto em um só espaço de criação, que é a literatura, a poesia.

Cristino Wapichana (2018) também destaca a importância da escrita indígena para a sociedade brasileira. Para ele, é por meio dessas literaturas que conseguimos conhecer a diversidade dos povos originários. De acordo com o autor, “as sociedades indígenas são um povo, uma nação indígena. O Brasil tem 305 povos oficiais, que falam 274 línguas, e, a partir dessa literatura, se começa a entender essa diversidade” (WAPICHANA, 2018, p. 76).

Kambeba (2020), por sua vez, afirma que a literatura poderia fortalecer a sua luta social:

Entendi que poderia me comunicar com a literatura e poesia e arte trazendo isso para uma luta social, ambiental, cultural e política quando terminei o mestrado. [...] Então voltei a escrever de acordo com o que tinha de conteúdo em meu trabalho. Foram anos de pesquisa para ficar parado em uma biblioteca de universidade. E aí nasce o *Ay kakyri tama – Eu moro a cidade*. Porque não tenho medo dessa afirmação.

Kambeba destaca a importância da formação acadêmica e da pesquisa para a sua arte poética, trazendo esse contexto para uma luta social, ambiental, cultural e política, o que pode ser traduzido em ativismo ou “artivismo”. Sim, Kambeba é ativista e tem realizado grandes contribuições com sua poesia. Ela se engaja na luta por sua gente e pela terra-natureza, constituindo um importante legado para as literaturas contemporâneas plurais, enriquecendo-as. E seu ofício poético requer um olhar atento e crítico, porque, muitas vezes, denunciar as mazelas sociais que ameaçam os indígenas requer coragem e comprometimento com as lutas dos povos ancestrais.

Destacamos também outra poetisa que tem marcado o cenário da literatura contemporânea brasileira, chamada Aline Rochedo Pachamama, de quem nós apresentamos os versos do poema “Essência...”. Vejamos o poema:

Essência...

Não tenho estratégias
Para sentir
Eu não tenho estratégias
Para viver
Gosto da liberdade da ação
Não sei calcular intervenções
Não sei manipular as direções
Não sei pensar tudo só por mim
Porque eu sou parte de um todo

Não vou rotular sem conhecer
Não desistirei sem tentar
Podem não me ouvir
Mas eu preciso falar

[...]
A poesia é Linguagem
O mistério é ternura
E o processo é saudade

Acredito na essência
Atos de solidariedade
Das pessoas que se unem
Em justiça e igualdade
[...]
Que se desarmem as guerras
Na doçura do sorriso

[...]
Não tenho estratégias
Para viver
Gosto de me permitir
Eu disse tudo a você...
(PACHAMAMA, 2015, p. 58, grifo nosso)

Ao analisarmos o poema, vemos que Pachamama enaltece a vida e a liberdade, mas trata-se de uma vida “sem regras”, porque ela é todo o universo, o cosmos — e, assim, ela sente tudo imensamente. A voz se faz presente, há o direito à fala, à união das pessoas que lutam pela justiça e pela igualdade, principalmente porque a palavra vem versada pela força. É a voz da autora indígena mulher que diz, mesmo que não a ouçam: “Não desistirei sem tentar / Podem não me ouvir / Mas eu preciso falar”.

Assim, vemos a importância da fala e da escrita indígena, o falar por meio da literatura. É ainda Kambeba (2018b, p. 39) quem explicita que “com a escrita nasce a ‘literatura indígena’, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência”. Também para Schneider (2018, p. 49) a escrita indígena:

apresenta uma perspectiva alternativa da história e da literatura, que diverge em diversos pontos daquilo que é aceito como verdade por alguns historiadores, sendo amplamente e repetidamente divulgado através da literatura e dos livros didáticos, inclusive.

Desse modo, percebemos que há outra perspectivação da história da literatura, menos canônica e mais plural e democrática, que já começa a ser introduzida até mesmo nos materiais

didáticos, pois a escola tem um papel fundamental nas transformações das mentalidades e perspectivas sociais. E essa literatura mais engajada denuncia os problemas e os sofrimentos dos indígenas “[...] como consequência de uma civilização brutal, e, mesmo assim, [os indígenas] não se calam, continuam testemunhando e apontando os abusos que sofreram, tentando gerar empatias em seus interlocutores” (SCHNEIDER, 2018, p. 49).

Também de acordo com Graúna (2013, p. 38), a poesia indígena é uma poesia de “sobrevivência”: “Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do presente”. Nessa perspectiva, a poesia indígena pode ser compreendida ou tomada como uma produção de “sobrevivência” e, por isso, de resistência e de luta, configurando-se nas fronteiridades plurais da literatura e sendo mais democrática. Portanto, precisamos compreender melhor a necessidade de circulação e de leitura da literatura indígena.

O “SILÊNCIO ATIVO”: RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE NO POEMA “SILÊNCIO GUERREIRO”, DE MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

Márcia Wayna Kambeba é geógrafa, poeta, compositora, fotógrafa e ativista. Indígena do povo Omágua/Kambeba do Alto Solimões (AM), nascida na aldeia Belém Solimões, Kambeba é do povo Tikuna. De sua obra *Ay kakyri tama: eu moro na cidade* (2018), selecionamos o poema “Silêncio guerreiro” para tecermos algumas reflexões, propondo uma leitura crítico-analítica. Vejamos, a seguir, o texto poético em questão:

Silêncio guerreiro

No território indígena
O silêncio é sabedoria milenar
Aprendendo com os mais velhos
A ouvir, mais que falar.

No silêncio da minha flecha
Resisti, não fui vencido
Fiz do silêncio a minha arma
Pra lutar contra o inimigo.

Silenciar é preciso,
Pra ouvir com o coração,
A voz da Natureza
O choro do nosso chão.

O canto da mãe d’água
Que na dança com o vento
Pede que a respeite
Pois é fonte de sustento.

É preciso silenciar
Pra pensar na solução
De frear o homem branco
E defender o nosso lar
Fonte de vida e beleza
Para nós, para a nação!
(KAMBEBA, 2018a, p. 29)

Antes de lermos criticamente o poema, precisamos (re)lembrar que na literatura brasileira, principalmente a do século XIX, o indígena foi temática recorrente, mas sem ter a sua voz própria: ele foi “apenas” retratado pelo olhar dos escritores da época. No entanto, o poema de Kambeba traz a voz do povo originário, que se faz ouvir ainda que manifestada sob a perspectiva do “silêncio”. Como

explicita Orlandi (1993), os indígenas sempre foram incluídos na história brasileira como sujeitos sem voz, ou então suas “falas” foram “transmitidas” por outros:

Com efeito, o índio não fala na história (os textos que são tomados como documentos) do Brasil. Ele não fala, mas é falado pelos missionários, pelos cientistas, pelos políticos [...] Eles falam do Índio para que ele não signifique fora de certos sentidos necessários para a construção de uma identidade brasileira determinada em que o Índio não conta. Trata-se da construção de sentidos que servem, sobretudo, à instituição das relações colonialistas entre os países europeus e o Novo Mundo (ORLANDI, 1993, p. 59).

Eram as relações de poder e as relações colonialistas dos países europeus que se impunham ao “novo” mundo. Assim, os indígenas eram “falados” por todas as classes, e os literatos não estavam isentos dessa tomada de voz. Contudo, atualmente são os próprios indígenas, através da literatura, que externam suas histórias de vida e de luta.

Passemos, então, à leitura crítico-analítica do poema “Silêncio guerreiro”. O poema está estruturado em cinco estrofes e, ao mesmo tempo que transmite a necessidade de silenciar para ouvir, ecoa, paradoxalmente, os gritos de resistência — e o faz de forma pungente. Na primeira estrofe, o poema nos sugere uma memória que traz a sabedoria: “No território indígena / O silêncio é sabedoria milenar / Aprendendo com os mais velhos / A ouvir, mais que falar”. Sobre a memória, Benjamin (2000, p. 239) afirma que:

não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio sutil no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava.

Nesta análise, entendemos a memória também como “sabedoria ancestral”, como algo arqueológico e ancestral. Ouvir é também escavar uma memória. Ouvir mais as tradições ancestrais tomando-as como memórias é um “meio” de sobrevivência da cultura. Mas a palavra também é importante, pois ela pode repassar os saberes, como assevera Kambeba (2020) a seguir:

A palavra é nossa maior forma de educar, de orientar, de repassar saberes. Kaká Werá é um sábio. A escrita aparece bem depois. Ela é recente para nós. A palavra ainda continua sendo nossa forma de articulação, de estratégia, tanto que a literatura que fizemos nasce da palavra que ouvimos. A palavra é o desenho, a escrita do pensamento. Depois, com o tempo, começamos a desenhá-la e nasce a literatura originária ou indígena.

Em vista do que fala Kambeba, a palavra é tudo para os povos indígenas, um instrumento potente de saber e de poder. Ela é uma força viva para a criação literária.

Na análise da segunda estrofe — “No silêncio da minha flecha / Resisti, não fui vencido / Fiz do silêncio a minha arma / Pra lutar contra o inimigo” —, devemos considerar que a luta dos indígenas se estende desde o período colonial, em que os povos originários foram violentados com dominações de todos os tipos, desde armas de fogo à voz estridente do dominador/colonizador. No entanto, vemos que há uma “resistência silenciosa”, a qual se contrapõe ao alarido destruidor dos invasores. Assim, as flechas garantem o silêncio da selva, onde, morando, os povos nativos muitas vezes precisaram se esconder para poderem não somente se defender, mas também atacar.

Kambeba apresenta o “silêncio da flecha” em contraposição ao vibrar dos sons do disparo. Tal silêncio é uma arma de resistência contra os inimigos: “No silêncio de minha flecha / Resisti [...]”. Na passagem do primeiro para o segundo verso, no intervalo da quebra, há uma súbita frenagem dada pela inversão ou pela anástrofe. Ela funciona como uma contenção da respiração, como no instante imediatamente anterior àquele em que se solta o tensionamento que resiste da corda de fibra, de embira ou do que quer que seja.

O manifesto de respeito à terra se dá fortemente na terceira estrofe, em que a voz poética remete à necessidade de dar a ela uma oportunidade de se manifestar; para isso, se faz necessário silenciar: “Silenciar é preciso, / Pra ouvir com o coração, / A voz da Natureza / O choro do nosso chão” — até mesmo para ouvir o choro do sangue derramado sobre essa mesma terra. Sendo assim, percebemos os sentidos diversos da intencionalidade e do silêncio, como explicita Orlandi (2007, p. 15): “O não-um (os muitos sentidos), o efeito do um (o sentido literal) e o (in)definir-se na relação das muitas formações discursivas têm no silêncio o seu ponto de sustentação”. Por isso, no poema, o “silêncio ativo” é potência do dizer.

Na quarta estrofe, temos “O canto da mãe d’água / Que na dança com o vento / Pede que a respeite / Pois é fonte de sustento”. Nesses versos, vemos o culto à natureza agora com o “canto da mãe d’água”, que pode ser referência à orixá Oxum (“mãe das águas”) ou a outra entidade tida como sagrada. Há uma personificação que impõe o respeito à fonte de onde vem o sustento e a vida.

A quinta estrofe, paradoxalmente, grita a resistência: “É preciso silenciar / Pra pensar na solução / De frear o homem branco / E defender o nosso lar / Fonte de vida e beleza / Para nós, para a nação!”. É preciso frear o não indígena, chamado no poema de “homem branco”. A poeta grita o pensamento de resistência, evidencia uma árdua e reflexiva luta; ela “pensa na solução” para não deixar sucumbir seu lar, que metaforicamente representa todos os lares dos povos indígenas. Afinal, o poema ainda traz a ideia da coletividade: nele, há uma voz que chama à defesa de todas e todos os indígenas para a preservação da nação indígena. Assim, é necessário combater e denunciar os genocídios e as violências perpetradas pelos neocolonizadores, e a poesia indígena tem feito isso, nos apresentando versos de extrema beleza estética e que abordam temáticas urgentes.

Por isso, faz-se necessária a resistência de “guerreiros”. Essa é a mensagem de Kambeba apresentada nesse seu poema de cinco estrofes, o qual, implicado na via do “silêncio ativo”, paradoxalmente traz uma noção de “silêncio” que não significa inércia ou não dizer. Antes, trata-se do grito forte e ativo da resistência indígena, que é uma espécie de sabedoria ancestral. Silenciar, nesse contexto, serve para buscar “resolver” as questões mais duras e ameaçadoras que coexistem em nossa sociedade.

Recorremos ainda a Orlandi (2007, p. 24), para quem o silêncio produz sentidos diversos:

Finalmente, se a reflexão sobre o silêncio nos mostra a complexidade da análise de discurso, já que por ela podemos nos debruçar sobre os efeitos contraditórios da produção de sentidos na relação entre o não dizer, essa reflexão nos ensina também que, embora seja preciso que haja sentido para produzir sentidos (falamos com palavras que já têm sentidos), estes não estão nunca completamente já lá. Eles podem chegar de qualquer lugar e eles se movem e se desdobram em outros sentidos.

Os versos de Kambeba nos chegam ruidosos em silêncio, em uma poética de luta e resistência. Eles evidenciam que é preciso manter vivas as memórias ancestrais pela poesia, pois delas emana a sabedoria dos povos indígenas.

Também é Orlandi (1990, p. 56) quem nos ajuda nesta reflexão sobre os apagamentos históricos:

Esse processo de apagamento do índio da identidade cultural nacional tem sido escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos mecanismos mais variados, dos quais a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes [...] São, desde o começo, o alvo de um apagamento, não constituem nada em si. Esse é o seu estatuto histórico “transparente”: não constam. Há uma ruptura histórica pela qual passam do índio para o brasileiro através de um salto.

A história vem sendo revisitada cada dia mais, e, dessa forma, as vozes ocupam seus lugares de direito. Há um salto que implica novos olhares para as ditas “minorias”. Luta-se pelos direitos à existência e à reexistência frente a tantos processos de dizimação dos povos originários. A palavra, a poesia, o canto, as pinturas corporais, as diferentes expressões de arte, a cultura, as tradições, os ritos, a

ancestralidade e as identidades estão, mais do que nunca, presentes nas produções literárias atuais.

A fala ancestral no “silêncio ativo”, no *silêncio guerreiro*, indica que ser escritora, ser poeta e ser mulher indígena é, impreterivelmente, enfrentar muitas batalhas. Isso é o que aponta Kambeba em uma entrevista concedida à revista *Acrobata*:

O cenário indígena feminino tá cheio de mulheres guerreiras e de força. Isso dá uma cara nova ao movimento. Eu me encanto com cada mulher indígena que vejo e que escuto. Cada fala carrega uma esperança, uma força e uma certeza de dias melhores para nossa nação indígena. Gosto das duas Parentas e quero ver mais indígenas mostrando sua cara de povo, de aldeia sem medo das críticas porque elas vêm de pessoas ou que desconhecem sobre o que é *pertencimento e identidade* ou porque tem vontade de ser como aquela mulher e ainda não achou o caminho e aí vem a inveja e sentimentos que são entaves para um crescimento e amadurecimento espiritual. Eu aplaudo todas que se destacam *nesse mundo de militância porque eu sei, não é fácil mostrar a cara e deixar ela em foco* (KAMBEBA, 2020, grifo nosso).

Como a autora destaca, são necessários sentimentos intensos de “pertencimento” e de “identidade”, e isso faz a diferença na luta, que a poeta indígena diz não ser nada fácil. Assim, cremos ser um ato de muita coragem militar em nosso país. Aliás, pode ser muito perigoso atuar “nesse mundo de militância, porque eu sei, não é fácil mostrar a cara e deixar ela em foco” (KAMBEBA, 2020, n.p.).

O foco do poema é o silêncio, mas ele se apresenta com um sentido ativo, histórico e ancestral. Para Orlandi (2020, p. 257), o silêncio “[...] não é falta, não é vazio, é horizonte”. Sendo assim, estamos refletindo acerca do “horizonte” do silêncio barulhento, estamos falando da poesia, da escuta e das vozes ancestrais silenciosas, mas potentes. O silêncio poético da luta da mulher indígena é também um tipo de voz que confirma o modo de existir nos sentimentos de pertencimento, identidade e resistência.

O poema “Silêncio guerreiro” apresenta a voz indígena que busca contradizer as estruturas de poder e de opressão, especialmente representando uma consciência da posição de sujeito subalternizado que ativa o “silêncio sábio e ancestral”. Lembremos que Spivak (2010, p. 110) faz a seguinte pergunta: “Pode o subalterno falar?”. A resposta é: sim! A mulher indígena brasileira, muitas vezes posta em situação (ou condição?) de subalternização, pode falar onde ela quiser, seja na poesia, nas narrativas em prosa, nas artes visuais, nos lugares que mais lhe apetecerem e que a sua voz alcançar; e ela pode dizer seja por silêncios ativos, seja por falas barulhentas.

O que verificamos é que o texto posto em tela para análise se trata de um tipo de manifesto do silêncio ancestral, por ser uma escrita construída por sentimentos eufóricos.

Para Munduruku (2016):

nossos escritos são literaturas, sim. E são indígenas, sim. Não há motivo para negar isso e menos ainda para partilhar com os escritores não indígenas o merecimento que nosso esforço tem conseguido em tão pouco tempo. Dizer que o que escrevemos é “apenas” literatura brasileira é dividir com todos aqueles que escreveram, escrevem e escreverão coisas medíocres a respeito de nossa gente um *status* que não foi construído por eles. Nossa literatura é indígena para que não se venha repetir que “somos os índios que deram certo”.

Nesse sentido, pelo olhar indígena, as produções literárias indígenas devem ser compartilhadas não só como “apenas literatura brasileira”, mas, de modo especial, como uma criação cheia de identidade cultural de povos que têm muito a dizer e a ensinar — a indígenas e não indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como objetivo principal propor uma leitura crítico-analítica do poema “Silêncio guerreiro”, de Kambeba, que se encontra em seu livro *Ay kakyri tama: eu moro na cidade*

(2018). A reflexão que realizamos nos possibilita apontar que o poema analisado põe em cena um forte sentimento de pertencimento e de afirmação cultural e identitária, que se constitui como fonte de resistência e de reexistência (SOUZA, 2011).

Além disso, as reflexões acerca do “silêncio ativo” a partir dos versos de Kambeba expõem uma ideia fulcral: “O silêncio é sabedoria milenar / Aprendendo com os mais velhos / A ouvir mais que falar”. Por isso, o “silêncio ativo” evidencia a existência da memória ancestral, da força dos que já falaram antes e da escuta dessas falas ancestrais, produzindo sentidos em que entram em jogo as razões da resistência e da militância.

Como lemos no poema analisado, silenciar não é emudecer, não é deixar de falar: é escutar, é dar sentido a um contexto de consciência expandida. O silêncio ancestral é intencional; há um propósito nele, há uma sabedoria milenar. Trata-se de um não dizer dizendo. Esse silêncio guarda palavras que atravessam o mistério, e as manifestações de seus efeitos constituem significações; ou seja, o silêncio se constitui na condição da produção de sentido (ORLANDI, 2020, p. 257). Por isso, silenciar para quê? “É preciso silenciar / Pra pensar na solução.” Eis uma condição de produção de sentido do “silêncio ativo”.

Dessa maneira, nossa proposta de leitura do poema de Kambeba apresenta possibilidades de significações e de sentidos para o silêncio que ultrapassam o emudecer. E, no mergulho das camadas poéticas do “silêncio guerreiro”, temos uma escrita que fala. Ela tem voz/vez mesmo frente a muitos silêncios. Assim, o poema traz à tona uma memória viva e um silêncio ancestral que saltam na potência da palavra poética. Mas essa nossa leitura não pretende esgotar os sentidos do silêncio, e sim suscitar possibilidades e mais olhares para a poesia indígena, uma vez que o tema em pauta é instigante e está aberto a outras abordagens e/ou leituras. Esperamos que o(a) leitor(a) deste texto o considere assim também.

Referências

- ALMEIDA, J. F. **A Bíblia da mulher (linguagem de hoje)**. 2. ed. São Paulo: SBB, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CORBIN, Alain. **História do silêncio: do Renascimento aos nossos dias**. Trad. Clínio de Oliveira Amaral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- DORRICO, Julie. **Eu sou macuxi e outras histórias**. Belo Horizonte: Caos e Letras, 2019.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2013.
- GRÜN, Anselm. **As exigências do silêncio**. 9. ed. Petrópolis, RJ: 2012.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. A literatura e o ativismo indígena: entrevista com Márcia Kambeba. [Entrevista cedida a] Julie Dorrico e Demétrios Galvão. **Revista ACR Bata**, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/entrevista/a-literatura-e-o-ativismo-indigena-entrevista-com-marcia-kambeba/>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay kakyri tama: eu moro na cidade**. 2. ed. São Paulo: Polém, 2018a.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, J. *et al.* (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018b, p. 39-44.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. Entre cantos e poesias a voz de uma mulher indígena ecoa e resiste: entrevista com Márcia Kambeba. [Entrevista cedida a] Nilo Marinho Pereira Junior, Edileuza Batista de Araújo e Eliane Cristina Testa. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 345-355, jan.-abr. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/HmfLvK7yt8BPQcwXGgbfTtQ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade**, 2008. Disponível em: . Acesso em: 25 abr. 2024.

- MUNDURUKU Daniel. **Literatura x literatura indígena: consenso?** 12 fev. 2016. Disponível em: <https://danielmunduruku.blogspot.com/2016/02/literatura-x-literatura-indigena.html> Acesso em: 23 mar. 2024.
- ORLANDI, Eni P. (org.). **Discurso fundador**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni. P. Entrevista com Eni Orlandi. [Entrevista cedida a] Evandra Grigoletto e Bethania Mariani. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 247-268, dez. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1778/1927>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- ORLANDI, Eni. P. **Terra à vista**. Campinas: Cortez/Unicamp, 1990.
- PACHAMAMA, Aline Rochedo. **A poesia é a alma de quem escreve**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2015.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- RODRIGUES, Wallace; LIMA, Paola Efellí Rocha de Sousa. Reflexões sobre poesia indígena brasileira utilizando conceitos dos estudos culturais. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 13, n. 1, p. 116-125, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/3194>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- SANTOS, Iago Moura Melo dos; BECK, Mauro. Vestígios do silêncio. **Revista Rua**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 137-164, jun. 2019. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/rua2/PDF/Revistas/13/revistaRua_13_141.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.
- SCHNEIDER, Liane. Mulheres e resistência: poesia indígena em foco no Canadá e no Brasil. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LICARIÃO, Berttoni; NAKAGOME, Patrícia (org.). **Literatura e resistência**. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 35-50.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Gular Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hiphop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- TESTA, Eliane Cristina; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Poesia Apinayé/português: contribuições para a literatura indígena. **JNT-Facit Business And Technology Journal**, v. 1, n. 23, p. 36-55, fev. 2021. Disponível em: <https://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/839>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- TFOUNI, Fábio Verdani Tfouni. O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 2, p. 353-371, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/RwN7tGRRxppXvGzJDn578th/?format=pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- THIÉL, Janice Cristine. **Pele silenciosa, pele sonora**: a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- WAPICHANA, Cristino. Por que escrevo? Relato de um escritor indígena. In: DORRICO, Julie *et al.* (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 76-79.